

JOSÉ CARDOSO PIRES



ALICE GEIRINHAS

No pano verde, no pano verde, discursos de nascimento

Naquele tempo pelo Natal tinham lugar grandes contendas de bilhar num salão chamado do Rossio e a elas acorriam amadores vindos de toda a cidade, bem como galdérios que andavam à divina pelos cafés e outros centros de desdita. Porque aquela era a época dos magníficos campeões que, rodeados de silêncio, concebiam sobre o pano verde geometrias de alto capricho. Ferraz, Alaberne ou Alinho, chamavam-se eles, homens de vista agudíssima que com três bolas traçavam constelações e com toques secretíssimos lhes davam movimentos deslumbrantes.

E eis que entre os menos apessoados da assistência estava Aventino, que outrora fora servo da Igreja Baptista do Intendente e que, por vaidade e ignomínia, se tornara praticante de leituras ímpias. Trajava de negro abutre, pois tinha sido moço de mortos e escrivão de funerárias até ao retiro que a reforma lhe concedera e durante a qual se entregava a decifrar mistérios sagrados e imprevistos do bilhar. Das pala-

bras do Senhor já nenhuma aceitava sem reservas, a sua morada era nos templos do jogo porque, pasmai, proscritos!, do pano verde e das esferas errantes fizera este homem o seu firmamento celestial.

De sorte que na quadra da Natividade, exaltado pelas cerimónias do jogo, mais se exaltava no verbo. E assim declamava referências lastimosas à Divina Conceção e em particular a José, pai de Jesus que, em seu parecer, nunca se teria apercebido da universalidade do milagre em que fora envolvido.

Segundo Aventino do Intendente, São José guardou uma certa reserva perante os amigos que o foram felicitar ao presépio de Jesus, embora confessasse a um deles que, em vez de um menino, preferia que o Espírito Santo lhe tivesse enviado uma menina.

Hoje, anos e anos depois destes discursos heréticos sobre os mistérios do nascimento, penso na morte e na mística fundamentalista que a prolonga cruelmente pelo martírio

sem remissão.

Ao suicidar-se em plena fase terminal de um cancro pulmonar, Percy Bridgman, prémio Nobel da Física, deixou escrito um recado em duas linhas: “Quando o fim de um indivíduo lhe pareça inevitável deve dar-se-lhe o direito de recorrer à medicina para que lho resolva civilizadamente.” E Sherwin Nuland, em *How We Die* (“Como nós morremos”): “Como médico, sempre assegurei aos meus pacientes moribundos que tudo faria para lhes dar uma morte fácil.”

Eutanásia, quer isto dizer. *Ars moriendi*.

Na Holanda estão oficialmente estabelecidas as condições para que se facilite a morte a pacientes em pleno uso das faculdades mentais e a Igreja reformista, no seu édito *Euthanasie Pastoraat*, admite “a terminação voluntária da vida quando a enfermidade se torne insuportável”. Mas trata-se de uma experiência pioneira e as teses que a contestam não se fundamentam apenas no axiomático conservantismo religioso que faz da caveira glória e das chamas expiação.

Por isso é que me tocou tão profundamente a entrevista que a televisão apresentou há dias com um doente da aldeia galega de Xuño que tem como horizonte final dignificar-se e dignificar a sua morte pela eutanásia.

Um simples mecânico, sabemos depois, alguém que numa cama de morte irreversível é um monte de dores eternas e que à sua cabeceira tem, como vimos, o cartaz de um poeta. Um morto com uma cabeça que pensa. Frente a ele, a câmara incide sobre o médico português Dr. Daniel Serrão, que se apercebe de que há razões que a ética conformada não entende. Argumenta com lugares-comuns, coisa e tal, que o doente não hesita em identificar como “conceitos paternalistas da vida” e se mais não adiantou foi porque nessa altura saltou para o ecrã o missionário mundano Feytor Pinto que, com o Dr. António Gentil Martins da cabecinha de louva-a-deus, faz um duo para todo o serviço nos *lobbies* do alto espírito.

Diálogo quase nulo. Mesmo assim, nunca, em tão pouco tempo e com inteligência tão sentida, vi alguém responder à morte convencional na pessoa dos emissários que a representavam em nome da fé e da ciência.

Na mesma semana, nem de propósito, um caso de amor e sangue nos jornais. Dois velhos a viverem há cinquenta anos numas águas-furtadas da Avenida Marginal, frente ao Tejo: ele, reformado da construção naval, sentado à cabeceira da mulher que esperava a morte que não vinha, e a olhar



ALICE GEIRINHAS

os navios que entravam e saíam da barra; a estudar os voos das gaivotas; a confirmar hora após hora os comboios que passavam entre ele e o rio por essas praias além; a pensar mundos perdidos para lá dos nevoeiros. E vencido, impotente, porque a mulher de há tantos anos, minada por metástases até aos ossos, gritava, dormia e respirava dores, implorando a Deus que a levasse, depressa, Senhor, depressa, para a sua santíssima presença.

Uma manhã, ao despertar, o velho viu-a por instantes bela e serena como nos seus tempos de amor. E chorou de mansinho e também ele desejou morrer.

Depois sentiu as dores a aproximarem-se de novo, e a escorrer lágrimas de desespero, de cansaço, de saudade, abraçou-se à mulher amada, envolveu-se nela e no seu sofrimento e cobriu-lhe o corpo de facadas.

Suicidou-se atropelado por um comboio, mesmo em frente da janela onde costumava ver passar os navios.